

ENTRE O PENSAR E O EDUCAR

Juliano de Almeida Oliveira¹

RESUMO:

O artigo propõe olhar para a prática educativa a partir das lentes da Filosofia, visando a problematizar as noções que temos de pensar e educar, bem como perceber relações entre elas, em busca de apontar caminhos para um pensar reflexivo que seja, ao mesmo tempo, meio e fim da prática docente.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Pensamento reflexivo.

ABSTRACT:

The article proposes to look at the educational practice from the lenses of Philosophy, aimed at illustrating the concepts of to think and to educate, looking for relationships between them and ways to point a reflective thinking, that is at the same time, middle and end of teaching practice.

Key words: Philosophy. Education. Reflective thinking.

O presente artigo² propõe olhar para a prática educativa a partir das lentes da Filosofia, visando a problematizar as noções que temos de PENSAR e EDUCAR, bem como perceber relações entre elas, em busca de apontar caminhos para um pensar reflexivo que seja, ao mesmo tempo, meio e fim da prática docente.

1. PENSAR O EDUCAR

Que é educar?

Partimos do pressuposto de que educar significa auxiliar o sujeito humano a descobrir e desenvolver suas faculdades fundamentais – a intelectualidade, a afetividade e a volição (capacidade de escolher), em vista da realização de um ideal. Que ideal seria este? Sua própria humanidade: “encontrar suas raízes e conferir um sentido para si e para sua vida” (MATOS *in* GALLO, 2003, 174).

¹ Mestre e Doutorando em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre.

² O texto é referente à participação no Café Filosófico *Repensando a prática docente através da Filosofia no mundo atual*, realizado na Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), Pouso Alegre-MG, em 24/06/2010.

O fenômeno educacional é, assim, muito mais amplo que a práxis escolar. Envolve todo o complexo da formação de uma pessoa desde o nascimento até a morte, tendo como atores, além do próprio indivíduo, a família a que pertence, a escola, as demais instituições sociais a que se ligará ao longo da vida, a família que vier a constituir, seu ambiente de trabalho e de amizade, os percalços pelos quais passará em seu itinerário existencial. Todos estes atores entram na configuração do sujeito humano, interferindo em maior ou menor grau na constituição de seu *eu (self)*, na escrita de sua história, que é uma tarefa eminentemente pessoal, ainda que contextualizada.

Educar é, pois, um aspecto do processo de humanização, é ajudar alguém a entrar nessa dinâmica criativa do fazer-se, ao mesmo tempo em que tal prática interfere igualmente no desenvolvimento do educador.

Educar é formar e formar-se. Não nos atemos àquela noção de formação enquanto um colocar algo na fôrma, em vista de padronizar, homogeneizar, uniformizar. Entendemos formar enquanto dar forma a partir de si, formular, modelar a si mesmo – algo que cada indivíduo precisa fazer de modo consciente, livre e responsável. Aqui está uma das etimologias de educar: *educere*, tido como extrair de si, trazer à luz. Educar significa realizar um parto, maiêutica existencial, na qual pode haver muitos coadjuvantes, mas um só protagonista – o sujeito em questão. Assim, educar/ formar-se é tomar nas mãos o próprio desenvolvimento e destino, na ampliação do conjunto de suas qualidades, em vista de seu contínuo aperfeiçoamento e do bem da sociedade (LIBANIO, 2001, 12-14).

A escola, seja de nível fundamental, médio ou superior, é um *locus* educativo da sociedade, não o único, mas um privilegiado. Depois da família, é o primeiro a incidir sobre a vida dos indivíduos. Sua função, certamente, não é a de apenas transmitir conhecimentos, mas também a de possibilitar que os indivíduos que dela participam possam assumir papel ativo e responsável na condução da própria vida, bem como da vida social. No dizer de Giles (1983, 28): “Sendo a educação uma realidade dinâmica em dependência do *outro eu* e do *mundo*, o *eu* se constrói constantemente. É nesse processo que o *eu* se torna capaz de agir, de participar na edificação do ideal comum”.

Em contrapartida ao crescimento do individualismo, o educar precisa estar atento à dimensão da sociabilidade humana. O aspecto intersubjetivo – e, em última análise, ético – da

formação jamais pode ser descurado, até porque é diante do rosto do *outro* que o *eu* pode se descobrir como si mesmo. A responsabilidade por si, pela sua auto-construção, é também responsabilidade pelo outro, pelo outro do outro, pela sociedade³.

Desse modo, a escola é um lugar do aprender a conhecer, do aprender a fazer, do aprender a conviver, do aprender a ser. Em contraste com a hipertrofia da especialização do saber hoje reinante, a escola seria chamada a um resgate da educação integral, ou, parafraseando Jacques Maritain, do *humanismo integral*⁴.

Recentemente, Manfredo Araújo de Oliveira, filósofo brasileiro, demonstrou que diante da especialização desenfreada em todos os níveis do saber, a Filosofia – e, sobretudo, a Metafísica – terá garantido seu espaço como uma *ciência do todo*:

Pensar, como já viram os gregos, significa sempre pensar tudo: pelo pensar estamos em princípio abertos a tudo, pois tudo é em princípio pensável, inteligível, cognoscível, assim que se deve dizer que a totalidade do ser é simplesmente dada com a estrutura e o estatuto ontológico do pensamento humano (*in* SALLES, 2006, p. 88).

Por tudo isso, um humanismo integral pressupõe que se possa desenvolver a capacidade humana para o conhecer e o pensar abertos à totalidade do real, bem como que o próprio ser humano seja visto para além de quaisquer reducionismos ideológicos. A partir da perspectiva que apresentamos acima, qual poderia ser o papel do educador-docente em seu trabalho junto aos educandos, dentro da instituição escolar?

Não se pode imaginar que o trabalho docente renunciaria à tarefa plurissecular de inserir os alunos no caudal da tradição do pensamento, para se tornar um labor de tipo psicológico, de ajuda na descoberta de si ou para se transformar numa espécie de serviço social ou político. Ao contrário, é justamente no efetivar-se da irrenunciável função de professor, no contexto da instituição de ensino (uma corporação que congrega discentes, docentes e pessoal de apoio), que o fenômeno educativo escolar pode ocorrer. Em outras

³ Esta dimensão de alteridade, tanto em Antropologia quanto em Ética, é trabalhada, em matizes variados, por filósofos contemporâneos, entre os quais se pode citar Jean-Paul Sartre, Emmanuel Levinas e Henrique Cláudio de Lima Vaz.

⁴ “Para deixar as discussões abertas, digamos que o humanismo (...) tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano e a manifestar sua grandeza original fazendo-o participar de tudo o que o pode enriquecer na natureza e na história (...); ele exige, ao mesmo tempo, que o homem desenvolva as virtualidades nele contidas, suas forças criadoras e a vida da razão, e trabalhe por fazer das forças do mundo físico instrumento de sua liberdade” (MARITAIN, 1965 [1936], 4).

palavras, a escola não é nem uma clínica psicológica, nem uma central sindical, nem um partido político, mas é na escola que os sujeitos se preparam, na teoria e na prática, para atuar de modo crítico e responsável nas múltiplas instâncias sociais a partir da presença dos professores que os auxiliam a se formar intelectual e existencialmente. Nisso o professor-educador interfere por aquilo que diz, que escreve e que faz. Não raras vezes a postura do educador diante das variadas situações do cotidiano vale mais que muitas aulas e textos, sem menosprezar a importância desses instrumentos.

De acordo com Habermas (2004, 99-109), é a racionalidade a capacidade reflexiva do sujeito de compreender a si e ao outro por meio da comunicação, de modo a repercutir na fala e na ação. Por isso, o educador, para bem realizar sua função, precisa ser um pensador. Primeiramente porque não basta repetir aos alunos os manuais das disciplinas acadêmicas, já que estes têm acesso hoje a um número imenso de informações, sobretudo através da internet. Precisam aprender a digerir os conteúdos, a distinguir o confiável do não-confiável e o essencial do acidental, a assimilá-los de forma eficiente e, ao mesmo tempo, crítica. Levemos em conta também que a prática docente enfrenta situações muitas vezes não convencionais, que exigem reflexão e diálogo para serem solucionadas a contento. Além disso, o professor precisa constantemente avaliar sua maneira de contribuir para com o processo educativo de seus alunos.

Enquanto pensador, o professor é alguém que sempre tem diante de si pontos de interrogação, ou seja, é um pesquisador que não se contenta com aquilo que aprendeu em sua formação básica, mas que deseja ir além através da investigação, seja bibliográfica, seja de campo. Tal postura repercute em seu trabalho docente, pois irá incentivar os alunos a também buscarem novos conhecimentos e a produzirem conhecimento a partir de sua pesquisa.

Desse modo, de acordo com Casemiro Campos (2007, 24-25):

O trabalho docente se faz pela ação mediada pela reflexão dessa prática, a partir da dimensão intersubjetiva e dialógica dos sujeitos (...). O docente, pelo diálogo na gestão da classe, contextualizada em ambiente educativo, promove a elaboração de saberes que se fazem pela sua dimensão emancipadora, fruto de uma racionalidade pedagógica. A natureza do conhecimento gerado na prática docente rompe a lógica da racionalidade instrumental.

Diante da necessidade de pensar para além do tecnicismo, a fim até mesmo de educar para o pensamento reflexivo, podemos nos perguntar em que consiste e como se alcança este *modus cogitandi*.

2. EDUCAR O PENSAR

O que é pensar?

Não se trata do pensamento como atributo da espécie humana, como uso natural da razão, mas do pensar reflexivo, do indagar que vai além das aparências, da busca de sentido, de fundamento, dos porquês. Sobretudo aqui é que a Filosofia pode ajudar o processo educativo.

No século XVIII, com o movimento do Iluminismo, valorizou-se sobremaneira a razão, a ponto de o grande Immanuel Kant, no opúsculo *Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo?* (1995, 11) afirmar:

O Iluminismo é a saída do homem de sua menoridade, de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a sua causa não reside na incapacidade de se servir do entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servires de teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo.

É preciso aprender a pensar. O pensamento espontâneo acompanha sempre nossa existência, como um rumor de fundo. O pensamento reflexivo, porém, desperta quando nossa espontaneidade não mais consegue resolver as dificuldades. É isso que significa reflexão: voltar-se sobre si mesmo para analisar detidamente o próprio pensar e o próprio agir. Por isso, o pensamento reflexivo começa sempre com alguma interrogação. Pensar é pôr em questão o chão das evidências, afinal nem sempre tão óbvias (ROBINET, 2004, 11-12). Nas palavras de Paiva (2003, 27): “Estranhar a vida é convidá-la a hospedar-se na casa do pensamento”.

O pensar exige decisão. Ninguém pode obrigar o outro a refletir. Querer colocar-se diante da existência não como um expectador, mas como um pensador, é tornar-se sujeito inquieto e responsável diante da exigência da verdade e do sentido, é sair da mesmice e da indolência, para se tornar realmente sujeito e não um objeto de sua própria história.

Se ninguém pode obrigar o outro a pensar, ao menos pode, e deve, convidar e acompanhar. Esta é a tarefa do educador: provocar o pensamento, incitar o educando a avançar no processo de reflexão sobre si, sobre a realidade circundante, sobre o mundo, sobre o sentido último da existência. Em que as disciplinas que lecionamos podem nos ajudar a levantar o véu das obviedades e a fazer buscar reflexivamente os porquês mais radicais da vida? Aí está um questionamento para o educador em relação a si mesmo e a seus alunos.

Como aprender a pensar?

Pode parecer ingênuo fazer esta pergunta, pois se a colocamos significa que já estamos no caminho do pensamento, mas é uma questão necessária. Não há, contudo, receitas prontas. Não há regras, mas sim modelos. Primeiramente, não há outro modo de pensar senão lendo os pensadores. Vale a pena visitar e revisitar os clássicos de todos os tempos, pois no domínio da reflexão, Aristóteles é tão atual quanto Nietzsche, Homero quanto Guimarães Rosa, para citar alguns exemplos. Os clássicos são isso: “obras singulares, únicas em seu gênero, que subsistem como estrelas no firmamento de nossa memória intelectual e iluminam eternamente nosso pensamento” (ROBINET, 2004, 14).

Além disso, Libanio (2001, 19-41) nos apresenta algumas indicações para desenvolver nossa capacidade de pensar reflexivamente: aprender a relacionar e a contextualizar; aprender a fazer perguntas a si e à realidade; aprender a contemplar, admirar, observar; aprender a analisar e a sintetizar, entre outros.

Podemos assim dizer que: pensar é *romper* com a indolência reflexiva, com as respostas prontas, com a mediocridade existencial; pensar é *admirar-se* com o milagre do ser e dos entes, com a vida, com a beleza; pensar é *indagar* pelas razões daquilo que existe e acontece; pensar é *buscar* o sentido mais profundo da existência; pensar é *caminhar* para o verdadeiro, o bom e o belo; pensar é *comprometer-se* com os valores que percebemos fundantes do humano.

Quando o professor-educador tem em vista isso, sua postura pedagógica se transforma. Como afirma Hugo Asmann (1998, 30), é possível então substituir uma pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados para uma pedagogia da pergunta, da complexidade, aberta

para a surpresa e para o imprevisto. Um educador reflexivo pode favorecer o surgimento de alunos-sujeitos reflexivos, sementes de uma sociedade melhor organizada.

Uma abordagem do processo educativo a partir da exigência do pensar reflexivo faz acontecer o que já em 1980 Dermeval Saviani apresentava como a mudança de uma educação baseada no senso comum para uma educação fundada na consciência filosófica. Segundo este autor, refletir já é filosofar, mas a Filosofia propriamente dita precisa ser uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto (1980, 24-25).

CONCLUSÃO

Para encerrar estas considerações, desejamos retomar esta última característica apresentada pelo Prof. Saviani: a abertura do pensamento para o todo.

Joseph Pieper, filósofo e educador alemão, num texto intitulado *Abertura para o todo: a chance da universidade* (1963), chegou a escrever:

A educação daquilo que é própria e especificamente humano, ou, em outras palavras, a verdadeira formação do homem, somente se dá quando se põe em marcha esse confronto com o todo existente. Um homem verdadeiramente formado é alguém que sabe como se relacionar com o mundo como um todo, ainda que (...) esse conhecimento da realidade seja imperfeito.

Tal postura parte do princípio de Aristóteles segundo o qual a alma intelectiva é, de certa forma, coextensiva ao todo do ser (*De anima*, III, 8, 431b 21), isto é, o dinamismo do espírito humano o leva a buscar uma visão integrada da realidade, ele é aberto ao todo e não se contenta com um conhecimento fragmentário.

Assistimos atualmente, contudo, a uma grande fragmentação dos saberes, a uma hiper-especialização, de modo que muitas vezes consideramos que História nada tem a ver com Matemática, que Medicina nada tem a ver com Pedagogia, que nada tem a ver com nada, pois cada área é totalmente independente em relação às outras.

O pensamento reflexivo, ao contrário, move-se na direção do entrecruzamento das várias dimensões do saber, pois tudo que existe coexiste, e saber relacionar as várias dimensões ou facetas de uma questão é algo propriamente racional, já que nenhuma ciência isolada consegue abarcar todas as dimensões de um mesmo fenômeno.

A Filosofia certamente tem aqui seu campo próprio, pois lhe é natural buscar este olhar abrangente para a realidade. Também nisto ela pode auxiliar os docentes em sua tarefa educativa, já que educar exige a capacidade de ver o todo: ver o educando como pessoa e não apenas como “cliente” de algumas horas; ver a área de conhecimento como um todo e não apenas uma sua parcela e vê-la, ao mesmo tempo, em relação com outras áreas afins, e assim por diante.

A escola continua sendo um local privilegiado de humanização. Para que isso se concretize eficazmente, a chance da educação hoje é apostar no pensamento reflexivo, que nos desinstala e que nos faz olhar para o todo da realidade em busca de seu sentido. Esta é uma atitude de sabedoria, com a qual todo autêntico pensador deseja estabelecer amizade.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **De anima**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

ASMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**: Epistemologia e didática. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

CAMPOS, C. M. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GALLO, S. (Org.). **Filosofia do ensino de Filosofia**, v. VII. Petrópolis: Vozes, 2003.

GILES, Th. R. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EPU, 1983.

HABERMAS, J. **Verdade e justificação – Ensaio filosófico**. São Paulo: Loyola, 2004.

KANT, I. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995.

MARITAIN, J. **Humanismo integral**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

PAIVA, V. **Filosofia, encantamento e caminho**. São Paulo: Paulus, 2003.

PIEPER, J. **Abertura para o todo: a chance da universidade** (1963). Disponível em: www.hottopos.com.br/mirand9/abertu.htm . Acessado em junho de 2010.

LIBANIO, J. B. **A arte de formar-se**. São Paulo: Loyola, 2001.

ROBINET, J. F. **O tempo do pensamento**. São Paulo: Paulus, 2004.

SALLES, J. C. (Org.). **Plenárias da ANPOF 2004-2006**. Salvador: Quarteto, 2006.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.